

RMBH lidera queda da pobreza

(Ellen Dias)

O crescimento econômico reduziu o total de pobres e engordou a classe média em todo o país. Em levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) nas seis principais regiões metropolitanas do país, a de Belo Horizonte (RMBH) foi a que apresentou a maior queda do número de pessoas pobres. A taxa de pobreza caiu de 38,3% do total da população, em 2002, para 23,1% em 2008. Em números absolutos, a quantidade de pobres passou de 1,7 milhão para 1,1 milhão de pessoas. As outras regiões avaliadas foram São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife. Na pirâmide social, de acordo com outra pesquisa, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a classe média registrou crescimento, passando de 42,49% em abril de 2003 para 51,89% em abril deste ano.

A pesquisa do Ipea considera como pobres as famílias com renda mensal de até meio salário mínimo (R\$ 207,50). Na avaliação do pesquisador do Ipea Ricardo Amorim, o principal motivo da queda do total de pobres na Região Metropolitana de Belo Horizonte foi a retomada do crescimento econômico, com destaque para o setor industrial. «Para os próximos anos, não esperamos uma mudança de tendência significativa. A alta dos juros vai impactar no ano que vem mas, se mantivermos a taxa de crescimento do país em torno de 5%, não haverá alteração no cenário», explica Amorim. De acordo com o levantamento, em 2002, a RMBH respondia por 12% do total de pobres do país. Neste ano, o percentual caiu para 10,1%.

Na base da pirâmide social, Norma Sueli Barboza, 38 anos, tinha uma renda mensal de meio salário mínimo para sustentar a filha. Os recursos eram provenientes de trabalhos temporários como faxineira. Há quatro anos no quadro de funcionários da conservadora MGS, ela mostra o contracheque com salário líquido de R\$ 350, adicionado ao benefício de R\$ 100 do vale-alimentação. «O salário ainda é baixo, mas é garantido todo mês», conta Barboza que já adquiriu um barracão em Vespasiano.

Na somatória dos dados do Ipea nas seis regiões metropolitanas, nos últimos seis anos, 3 milhões de pessoas saíram da pobreza. O percentual de famílias pobres caiu de 32,9% para 24,1% do total da população. Já o número de indigentes, com renda de até R\$ 103,75, foi reduzido à metade no mesmo período, de 13,7% para 6,6%. Em números absolutos, as regiões metropolitanas que registraram as maiores quedas na pobreza foram São Paulo e Rio de Janeiro, com redução, respectivamente, de 1,15 milhão e 571 mil no número de pessoas pobres. As maiores taxas de pobreza no período analisado ficaram com Recife e Salvador.

«O Brasil está deixando de ser um país de pobreza absoluta para ser um país de pobreza relativa, diminuindo a distância entre o topo e a base da pirâmide», afirmou o presidente do Ipea, Márcio Pochmann. Segundo ele, a diminuição da taxa de pobreza nas seis regiões metropolitanas, que correspondem a um quarto da população brasileira e dois quintos do Produto Interno Bruto (PIB), reflete o resultado do crescimento econômico, com maior número de empregos e renda. Na avaliação de Pochmann, os programas de transferência de renda também contribuíram para esse resultado, assim como o aumento do salário mínimo.

O estudo do Ipea mostra também que, no período de 2002 a 2008, o crescimento da economia beneficiou também os mais ricos, com renda mensal igual ou superior a 40 salários mínimos (R\$ 16,6 mil). Em termos percentuais, os ricos passaram de 0,8% da população em 2003 para 1% em 2008. Em números absolutos, o total cresceu de 362 mil para 476,5 mil. No topo da pirâmide, 10,6% dos ricos residem residentes na RMBH. Em 2002, esse número era de 6,9%.

Segundo o presidente do Ipea, a pesquisa também indica que os ganhos de produtividade não estão sendo repassados ao salário. De acordo com dados apurados pelo IBGE, que fazem parte da pesquisa, a produção industrial registrou, no período de 2001 a 2008, um aumento de 28,1%. Já a folha de pagamento somou crescimento de 10,5%. «É preciso estar atento para o fato de que o mundo do trabalho ainda não é capaz de repassar ao trabalhador parte significativa dos ganhos obtidos nos últimos anos», diz Pochmann. De acordo com ele, os ricos estão capturando o crescimento da produtividade.